

Ouvir os que falam sozinhos

Cadão Volpato

Eu achava que falava sozinho.

Pois um dia a Vilma me ouviu, e me levou para falar sozinho aos seus alunos da Unicamp.

Incrível, porque a gente não costuma ter mais do que duas ou três pessoas para falar sozinho. Assim, subitamente, o universo cresceu para o alto e para os lados, cheio de estrelas solitárias.

Depois descobri que eu e ela gostamos de uma mesma pessoa: Natalia Ginzburg. Sempre pensei que eu era um dos poucos no mundo que ouviam Natalia falar sozinha.

Ainda gosto de pensar que não somos mais do que dois ou três (um deles, Federico Mengozzi, o tradutor de *Caro Michele*, que a Vilma relê todo ano, se foi em janeiro).

O texto a seguir é dedicado a Vilma. Gosto de pensar que há uma cadência de Natalia Ginzburg ali.

Portanto, Vilma, ouça ainda esta vez; e obrigado.

Pão e nuvem

Para Vilma Arêas

Ele está lá e não está, envolto numa nuvem. Este não é o Rio de Janeiro. O sol desapareceu à luz do dia, a Baía de Guanabara ficou preta e branca, não há velas, só ondas violentas na arrebentação. Este é o meu Rio.

Não gosto de praia, não gosto de sol, gosto de olhar o que não se enxerga direito, gosto de miopia.

Ontem à noite um objeto brilhante cortou o céu escuro. Os discos voadores são comuns por aqui. Então posso morrer feliz, no frio da orla, sentado à beira do calçadão com meu agasalho. Um objeto assim pode passar, e passará no meu sonho.

Ontem o céu estava aqui embaixo, nas constelações que subiam os morros. Quer saber por que eu vim?

Larguei tudo o que estava fazendo, peguei o metrô até a rodoviária e embarquei no primeiro ônibus, com a roupa do corpo, agasalhado. E nada tinha mudado no clima, estava frio nos dois mundos. O Cristo Redentor tentava dissipar a névoa com os braços bem abertos.

Mal cheguei no hotel de 40 reais e já peguei um táxi para Santa Teresa. Era cedo ainda, os bares estavam vazios. Sentei na mesa de um, o primeiro que me atraiu, e havia fotos das dunas do Barato na parede. Não sei por que, porque não bebo, talvez, pedi a cerveja que o imperador tomava (estava escrito num pôster). E nada aconteceu.

Fiquei olhando as pessoas que chegavam: hippies, meninos, chapéus panamá, bermudas, mulheres que já foram bonitas sem frescura, moças bonitas sem frescura. Depois liguei pra você no telefone preto do estabelecimento, tapando um ouvido no coração do barulho.

É o cunhado perfeito perdido, eu disse. Você entendeu, disse que não acreditava, que eu pegasse um bonde e fosse até a sua casa imediatamente!

E eu trepei no estribo do primeiro bonde amarelo que desabava ladeira abaixo.

Vim por sua causa, sem compromisso, rever uma amiga, sei lá por que, porque minha vida é assim meio quadrada?

O vento frio que entrava e saía do bonde me acordou: aquele era o meu Rio de Janeiro.

Lá embaixo me atrapalhei um pouco, consegui pegar o ônibus certo depois de muita luta; um homem fumava e batia os dentes dentro dele. Fazia mesmo frio. Desci numa rua das Laranjeiras, diante da árvore que era um cogumelo atômico de verde avassalador, explodindo a calçada e alguns paralelepípedos junto, e entrei no frescor escuro de um predinho antigo.

Apertei a campainha. Uma menina bonita atendeu, era sua filha. Ela chamou você e lá da cozinha você veio enxugando as mãos no avental. Estava cozinhando alguma coisa pra mim!

Num primeiro momento achei que você tivesse encolhido, e você sempre foi a mais compacta; e que estava mais envelhecida do que deveria. Mas o que estou dizendo? Você era só uma menina da última vez que nos vimos. Agora você tem 38 anos, uma filha grande. E eu estou indo para o buraco, deu para ver dentro dos seus olhos.

Este é o meu cunhado perfeito perdido, assim você me apresentou para uma amiga que também estava no calor da cozinha. Ia e vinha explodindo a cortina de vidrilhos. Seu queixo sempre saliente, eu tinha esquecido, o corpo murchou um pouco, e eu me lembrei de como você era linda e de como sua irmã também era linda. Lembro de ter te enlaçado pela cintura, um dia.

Conte-me a história da sua vida, eu disse num tom pomposo, para disfarçar.

E você fez um ótimo resumo e tudo ficou muito mais tranquilo.

Você foi a pessoa mais serena que já reencontrei. Em geral estamos todos envergonhados de nossos frutos tão daninhos. O marido da sua irmã morrendo no hospital outro dia, transplantando o fígado, e o filho deles, enquanto isso, dando uma festa de arromba em casa.

Mas você.

Você gostou de ouvir que o Pão de Açúcar estava guardado numa nuvem, e que eu tinha gostado muito disso.

Você entendeu. Dava para ver dentro dos seus olhos. Eram duas almas que gostavam do frio conversando. E se sua filha não entendeu nada, não disse. Apenas encostou a cabeça no seu colo e sorriu. Foi a amiga que disse alguma coisa no sofá, mas estava dormindo.